

**INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS
CAMPUS RIBEIRÃO DAS NEVES
CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO**

Ismael Robert dos Santos

EMPREENDEDORISMO NA ERA DAS START-UPS

Ribeirão das Neves
MAIO / 2026

Ismael Robert dos Santos

EMPREENDEDORISMO NA ERA DAS START-UPS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Administração, do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ribeirão das Neves (IFMG-RN), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientação: Pedro Marinho Sizenando Silva

Ribeirão das Neves
MAIO / 2026

S237e	Santos, Ismael Robert dos.
	Empreendedorismo na era das start-ups [manuscrito] / Ismael Robert dos Santos. – 2026.
	28 f.
	Orientador: Pedro Marinho Sizenando Silva. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharelado em Administração) – Instituto Federal de Minas Gerais. <i>Campus</i> Ribeirão das Neves, 2026.
	1. Empreendedorismo. 2. Empresas novas. 3. Inovações disruptivas. I. Silva, Pedro Marinho Sizenando. II. Instituto Federal de Minas Gerais. <i>Campus</i> Ribeirão das Neves. III. Título.
	CDU 005.342
	Catálogo: Aline M. Sima - CRB-6/2645

Ismael Robert dos Santos

EMPREENDEDORISMO NA ERA DAS SATART-UPS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Administração, do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ribeirão das Neves (IFMG-RN), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientação: Pedro Marinho Sizenando Silva

Aprovado em: ____ / ____ / _____ pela banca examinadora:

Prof. Pedro Marinho Sizenando Silva - IFMG

Prof. (nome do/a docente convidado/a 1) - INSTITUIÇÃO

Prof. (nome do/a docente convidado/a 2) - INSTITUIÇÃO

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.2. Empreendedorismo Tradicional	8
2.3. Empreendedorismo por Startups	8
2.4. Ecossistemas de Startups	9
3 METODOLOGIA	9
CONSIDERAÇÕES FINAIS	14

EMPREENDEDORISMO NA ERA DAS SATART-UPS

Ismael Robert dos Santos

Orientador(a): Pedro Marinho Sizenando Silva

RESUMO

Este trabalho tem como foco o estudo do empreendedorismo na era das startups, destacando suas características, evolução, desafios e contribuições para o cenário econômico e social contemporâneo. Partindo de uma revisão bibliográfica, a pesquisa busca compreender como esses empreendimentos, geralmente orientados pela inovação e pela escalabilidade, transformaram o modo de conceber e gerir negócios em um ambiente marcado pela digitalização e pela globalização.

O estudo evidencia que as startups, ao contrário dos modelos tradicionais de empreendedorismo, operam em contextos de maior incerteza, mas com elevado potencial de crescimento e impacto, impulsionando a geração de empregos, a atração de investimentos e a dinamização dos ecossistemas de inovação. A análise ainda ressalta os principais desafios enfrentados por esse modelo no Brasil, como burocracia, acesso restrito a financiamento e necessidade de adaptação tecnológica, ao mesmo tempo em que aponta tendências futuras e oportunidades para a consolidação do setor.

Assim, o trabalho contribui para ampliar a compreensão sobre o papel das startups no desenvolvimento econômico e tecnológico, oferecendo subsídios tanto para pesquisadores quanto para gestores, investidores e formuladores de políticas públicas.

Abstract

This Final Course Project (TCC) focuses on the study of entrepreneurship in the era of startups, emphasizing their characteristics, evolution, challenges, and contributions to the contemporary economic and social landscape. Based on a bibliographic review, the research seeks to understand how these ventures, usually guided by innovation and scalability, have

transformed the way businesses are conceived and managed in a context shaped by digitalization and globalization.

The study highlights that startups, unlike traditional models of entrepreneurship, operate in highly uncertain environments but with significant growth and impact potential. They foster job creation, attract investments, and strengthen innovation ecosystems. The analysis also underscores the main challenges faced by this model in Brazil, such as bureaucracy, limited access to funding, and the demand for technological adaptation, while pointing to future trends and opportunities for sector consolidation.

Therefore, this work contributes to expanding the understanding of the role of startups in economic and technological development, providing insights for researchers, managers, investors, and policymakers.

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo tem se consolidado, ao longo da história, como um dos principais motores de desenvolvimento econômico, social e tecnológico. Desde os primeiros registros de atividades empreendedoras, ainda nos séculos XVIII e XIX, até as transformações mais recentes impulsionadas pela globalização e pela digitalização da economia, a figura do empreendedor assumiu papel central na criação de valor, geração de empregos e difusão de inovações.

Nas últimas décadas, entretanto, observa-se o surgimento de um novo paradigma: o empreendedorismo baseado em startups. Essas organizações, em geral de base tecnológica, caracterizam-se por sua atuação em cenários de alta incerteza, por modelos de negócios inovadores e escaláveis e pela busca por soluções criativas a problemas complexos. Diferentemente das empresas tradicionais, as startups operam com foco em experimentação, validação contínua de hipóteses e crescimento acelerado, frequentemente amparadas por

ecossistemas compostos por aceleradoras, investidores de risco, universidades e políticas públicas voltadas à inovação.

A relevância do tema decorre do impacto que tais organizações vêm gerando na economia contemporânea. No Brasil, o ambiente de startups cresce de forma expressiva, impulsionado por fatores como a popularização da internet, o aumento do acesso a tecnologias digitais e o fortalecimento de programas de incentivo governamentais e privados. A exemplo disso, em 2024, o ecossistema brasileiro de startups captou R\$ 13,9 bilhões em investimentos, representando um aumento de 50% em relação a 2023, consolidando o Brasil como um polo de inovação na América Latina. Além disso, o número total de startups ativas ultrapassou 3.000 em mapeamentos nacionais, com um crescimento de 21,7% no ecossistema geral em 2025, alcançando um valor estimado de US\$ 117 bilhões. O Sebrae Startups Report Brasil 2024 destaca que São Paulo lidera com o maior volume de startups, seguido por polos emergentes no Nordeste, como Recife e Florianópolis, refletindo uma descentralização e maturação do setor. De 2015 a 2019, o número de startups triplicou, passando de 4.151 para 12.727 (aumento de 207%), e essa tendência continuou, com mais de 3 milhões de novas micro e pequenas empresas criadas em 2024, muitas delas com viés tecnológico. Em 2024, foram registradas mais de 6.000 novas startups, impulsionadas por setores como fintech (38% dos investimentos), healthtech e agrotech. ([Liga Ventures \(2025\). Startup Landscape: Ecossistema 2024.](#)).

Nesse contexto, compreender a dinâmica das startups torna-se fundamental não apenas para os estudos acadêmicos, mas também para a formulação de estratégias de gestão, políticas de fomento e práticas de inovação em diferentes setores.

Este trabalho tem como objetivo analisar o empreendedorismo na era das startups, discutindo suas características, funcionamento, diferenças em relação ao modelo tradicional e sua inserção nos ecossistemas de inovação. Além disso, busca verificar em que medida a literatura já consolidada sobre empreendedorismo se aplica à realidade desses novos modelos de negócios. A escolha do tema justifica-se pela necessidade de compreender como o fenômeno

das startups contribui para a transformação digital, a competitividade empresarial e o desenvolvimento econômico em escala global e nacional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Conceitos de Empreendedorismo

O conceito de empreendedorismo tem raízes históricas desde os estudos de Cantillon (século XVIII) até os mais modernos conceitos. Segundo Dornelas (2008), empreender significa transformar ideias em negócios, assumindo riscos calculados e gerando valor econômico e social.

O empreendedorismo foi também definido por Hisrich (2017) como “o processo de criar e desenvolver uma empresa, envolvendo a identificação de oportunidades, a alocação de recursos e a gestão de riscos”.

Deste modo empreendedorismo refere-se à capacidade de identificar oportunidades, assumir riscos e inovar para criar valor. Origina-se da palavra francesa "entrepreneur", que significa assumir riscos e iniciar. Na era moderna, envolve não apenas a criação de negócios, mas também a adaptação a ambientes incertos.

Para Schumpeter (1952), o empreendedor é aquele que promove a "destruição criativa", ou seja, substitui produtos, processos e modelos antigos por inovações que movimentam a economia.

No contexto brasileiro e latino-americano, destacam-se as contribuições de Louis Jacques Filion e Fernando Dolabela. Filion (1999, 2000), um dos principais teóricos contemporâneos do empreendedorismo, propõe a Teoria Visionária, segundo a qual o empreendedor é aquele que imagina, desenvolve e realiza visões do futuro. Para o autor, a visão é o elemento central do processo empreendedor: ela orienta a identificação de oportunidades, a mobilização de recursos e a persistência necessária para transformar ideias em realidade. Filion diferencia o

empreendedor do proprietário-gerente de pequenos negócios, enfatizando que o primeiro possui uma capacidade visionária mais ampla e estratégica.

Complementarmente, Fernando Dolabela (2003, 2008), um dos maiores expoentes da pedagogia empreendedora no Brasil, desenvolveu a Teoria Empreendedora dos Sonhos (TED). Para Dolabela, empreender significa transformar sonhos em realidade. O sonho, entendido como um desejo profundo que gera energia emocional e brilho nos olhos, constitui a principal força motriz do empreendedor. Segundo o autor, um sonho empreendedor deve possuir três características fundamentais: estar alinhado com o “Eu” do indivíduo, gerar valor para a sociedade e possuir força emocional suficiente para impulsionar a ação e a persistência diante de obstáculos.

Dornelas (2008) corrobora essa visão ao afirmar que empreender é transformar ideias em negócios, assumindo riscos calculados e gerando valor econômico e social. Hisrich (2017), por sua vez, define o empreendedorismo como “o processo de criar e desenvolver uma empresa, envolvendo a identificação de oportunidades, a alocação de recursos e a gestão de riscos”.

Deste modo, o empreendedorismo pode ser compreendido como a capacidade de identificar oportunidades, assumir riscos calculados, inovar e criar valor, seja por meio de visões estratégicas (Filion), da realização de sonhos profundos (Dolabela), ou da introdução de inovações disruptivas (Schumpeter).

2.2. Empreendedorismo Tradicional

O empreendedorismo tradicional se caracteriza pela criação de empresas com modelos de negócios estáveis, crescimento linear e focados em mercados locais. Normalmente, os empreendedores tradicionais priorizam segurança financeira, planejamento detalhado e baixo grau de inovação (Silveira et al., 2017; Dornelas, 2008).

Esse modelo é comumente associado ao empreendedorismo de necessidade, no qual o indivíduo empreende como alternativa ao desemprego ou à falta de oportunidades formais no mercado de trabalho (Global Entrepreneurship Monitor – GEM, 2015).

2.3. Empreendedorismo por Startups

As startups representam uma nova forma de empreender, caracterizada por modelos de negócios escaláveis, inovadores e de alto risco (Ries, 2012; Blank & Dorf, 2014).

Segundo Torres e Souza (2016), as startups não são apenas empresas emergentes, mas sim organizações temporárias em busca de um modelo de negócios viável, repetível e escalável, geralmente orientadas à inovação tecnológica.

Diferencia-se de negócios tradicionais por seu foco em inovação tecnológica e crescimento rápido, frequentemente apoiada por investidores.

Dentre os principais desafios enfrentados por aqueles que se dispõem a empreender no Brasil, destacam-se a excessiva burocracia, a elevada carga tributária e as dificuldades na captação de recursos. Outros obstáculos recorrentes incluem a adaptação tecnológica, a gestão de pessoas e o equilíbrio financeiro (TMF GROUP, 2025; ABSTARTUPS, 2025; SEBRAE, 2025; CNDL, 2025).

Características das startups:

No rol das principais características das startups, destacam-se o alto grau de inovação, o potencial de crescimento exponencial e a validação contínua de hipóteses por meio de abordagens como o método Lean Startup. Ademais, essas empresas apresentam forte interação com o ecossistema de inovação, que compreende aceleradoras, investidores-anjo e de capital de risco, hubs de inovação e instituições de ensino superior (RIES, 2012; BLANK; DORF, 2014; TORRES; SOUZA, 2016).

2.4. Ecossistemas de Startups

De acordo com Torres e Souza (2016), as startups não atuam de forma isolada, mas integram-se a ecossistemas de inovação compostos por diversos atores inter-relacionados que colaboram para fomentar o empreendedorismo de alto impacto. Esses ecossistemas são caracterizados pela sinergia entre seus elementos, pela cultura local de empreendedorismo e pela disponibilidade de capital, infraestrutura e conhecimento (TORRES; SOUZA, 2016).

O sucesso de um ecossistema depende da interação dinâmica entre seus atores, que desempenham papéis complementares na geração, validação e escalabilidade de negócios inovadores. A seguir, apresentam-se os principais atores e suas contribuições:

As universidades atuam como geradoras de conhecimento e capital humano qualificado. Elas fornecem pesquisa de base, formam talentos empreendedores e promovem a transferência de tecnologia por meio de Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs), incubadoras acadêmicas e programas de pré-incubação. Além disso, organizam competições, cursos de empreendedorismo, facilitando a criação de spin-offs (novas empresas, produtos ou obras derivadas de uma organização ou obra original já existente, tornando-se independentes). Exemplos notáveis incluem a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que foi o berço do ecossistema de Florianópolis, e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), por meio do Tecnopuc, que abriga mais de 120 organizações e gera milhares de empregos (SEBRAE, 2023).

Os investidores de risco (venture capital) e investidores-anjo representam a principal fonte de financiamento para startups em estágios iniciais e de escala. Eles não apenas aportam capital, mas também oferecem mentoria estratégica, governança e acesso a redes internacionais, acelerando o crescimento das empresas. No Brasil, fundos como os da Liga Ventures e programas de corporate venture capital têm sido fundamentais para o aumento dos investimentos no ecossistema.

As incubadoras e aceleradoras cumprem papel essencial na estruturação inicial dos negócios. As incubadoras fornecem infraestrutura física, suporte administrativo e capacitação por períodos mais longos, enquanto as aceleradoras operam em ciclos intensivos (geralmente de 3 a 6 meses), com foco em validação rápida de hipóteses, mentorias e preparação para captação de recursos. Programas como o InovAtiva Brasil (do Sebrae e MCTI) e a Startup Farm destacam-se nacionalmente por sua capacidade de preparar startups para o mercado (ANPROTEC, 2019; SEBRAE, 2025).

Os hubs de inovação e coworkings funcionam como espaços de convergência e colaboração. Eles promovem networking, inovação aberta e compartilhamento de infraestrutura, facilitando a interação entre startups, empresas estabelecidas e investidores. Exemplos relevantes incluem o Distrito (um dos maiores hubs da América Latina) e diversos coworkings integrados a parques tecnológicos.

Por fim, os órgãos governamentais e políticas públicas criam o ambiente regulatório e de fomento necessário. Eles atuam por meio de leis (como o Marco Legal das Startups – Lei Complementar nº 182/2021), editais de subvenção, incentivos fiscais e programas de capacitação. O Sebrae Startups, por exemplo, destaca-se como o maior ecossistema de apoio do país, conectando empreendedores a oportunidades de mercado, mentoria e investimento em todas as regiões (SEBRAE, 2025).

Um caso emblemático de sinergia entre esses atores é o Porto Digital, em Recife. Fruto do modelo Triple Helix (governo, academia e empresas), o parque tecnológico reúne mais de 540 empresas, gera faturamento anual superior a R\$ 7,4 bilhões e emprega mais de 24 mil profissionais. Ele demonstra como a articulação entre universidade (UFPE), poder público e iniciativa privada pode transformar uma região e posicionar o Nordeste como polo emergente de inovação (PORTO DIGITAL, 2025; SEBRAE, 2025).

Em síntese, o fortalecimento dos ecossistemas de startups no Brasil depende da interação harmônica entre esses atores. Quando bem articulados, eles não apenas aceleram o

nascimento e o crescimento de empresas inovadoras, mas também geram impactos econômicos e sociais mais amplos, contribuindo para o desenvolvimento regional e a competitividade nacional.

3 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, com objetivos de natureza exploratória e descritiva (GIL, 2019; CRESWELL; CRESWELL, 2018). A abordagem qualitativa adotada prioriza a compreensão em profundidade dos conceitos, características, evoluções e contextos que envolvem o empreendedorismo na era das startups. Por meio de uma análise interpretativa, busca-se explorar os significados, as relações entre os modelos tradicionais e inovadores de empreender, bem como suas implicações específicas no cenário brasileiro, valorizando os aspectos subjetivos e contextuais em detrimento de medições quantitativas ou generalizações estatísticas (MINAYO, 2010; RODRIGUES, 2016).

Em relação aos objetivos, a pesquisa assume caráter exploratório ao buscar proporcionar maior familiaridade com um tema ainda em processo de consolidação no Brasil, especialmente no que concerne aos ecossistemas de startups, às diferenças em relação ao empreendedorismo tradicional e aos desafios locais. Essa abordagem permite identificar padrões preliminares, refinar conceitos e subsidiar discussões e investigações futuras (GIL, 2019; NASCIMENTO, 2010). Complementarmente, possui natureza descritiva, uma vez que visa detalhar as características, os padrões e as relações presentes no fenômeno estudado, apresentando e comparando os modelos de empreendedorismo, a evolução dos ecossistemas e seus impactos econômicos e sociais com base em dados e relatórios recentes.

Os procedimentos metodológicos consistem em uma revisão bibliográfica, caracterizada pela busca organizada, seleção criteriosa, leitura crítica e síntese interpretativa de fontes

secundárias (ROTHER, 2007; BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011; GALVÃO; SAWADA; TREVISAN, 2004). Essa modalidade difere da revisão narrativa tradicional por adotar critérios explícitos de inclusão e exclusão de materiais, visando maior transparência, reprodutibilidade e redução de vieses (CAVALCANTE, 2020; SEVERINO, 2007).

Foram consultadas fontes diversificadas e atualizadas, incluindo artigos acadêmicos publicados em periódicos qualificados (tais como REMIPE, SBIS, RAC, RAE e RBADM), livros de referência na área de empreendedorismo e inovação (DORNELAS, 2008; RIES, 2012; BLANK; DORF, 2014; HISRICH, 2017; SILVEIRA et al., 2017; TORRES; SOUZA, 2016), além de relatórios institucionais e mapeamentos nacionais produzidos pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM), Associação Brasileira de Startups (Abstartups) e Sebrae Startups Report Brasil (2024-2025).

A análise dos materiais envolveu leitura crítica e fichamento dos principais conceitos e dados, categorização temática (conceitos de empreendedorismo, comparação entre modelos tradicional e de startups, ecossistemas de inovação, desafios e impactos), comparação sistemática entre os modelos e contextualização no cenário brasileiro, com ênfase em dados recentes até 2025. A seleção das fontes priorizou critérios de relevância temática, atualidade, credibilidade acadêmica e institucional, garantindo uma base sólida para a síntese e discussão dos resultados.

A escolha dessa abordagem justifica-se pela natureza teórica e conceitual do problema de pesquisa, pela necessidade de realizar uma síntese crítica da literatura existente e pela ausência de coleta de dados primários, uma vez que o foco recai sobre a análise interpretativa e a atualização do debate acerca das startups no contexto brasileiro (LAKATOS; MARCONI, 2017; SEVERINO, 2007). Dessa forma, a revisão bibliográfica sistemática permitiu mapear o estado da arte do tema, identificar lacunas e subsidiar reflexões sobre o desenvolvimento do ecossistema nacional.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentam-se os achados resultantes da revisão bibliográfica sistemática, com ênfase na comparação entre o empreendedorismo tradicional e o modelo de startups, bem como na evolução dos ecossistemas de inovação. Os resultados são discutidos à luz das fontes consultadas, destacando implicações teóricas e práticas para o contexto brasileiro e global. A análise revela não apenas diferenças estruturais entre os modelos, mas também o papel transformador das startups na economia contemporânea, com dados atualizados até 2025 que confirmam tendências de crescimento acelerado, apesar de desafios persistentes.

4.1. Comparação entre Empreendedorismo Tradicional e Startups

A comparação entre o empreendedorismo tradicional e o modelo de startups destaca contrastes fundamentais em termos de abordagem, estratégia e contexto operacional. Baseado em autores como Dornelas (2008), Silveira et al. (2017), Torres & Souza (2016), Ries (2012) e Blank & Dorf (2014), o quadro a seguir sintetiza os principais aspectos, expandido com elementos adicionais identificados na literatura, como o foco em tecnologia e a adaptação ao mercado. Essa expansão permite uma visão mais abrangente, incorporando dimensões contemporâneas como a integração digital e a resiliência a incertezas econômicas.

Quadro 1 – Comparativo entre Empreendedorismo Tradicional e Startup

Aspecto	Empreendedorismo Tradicional	Startup
Motivação	Predominantemente por necessidade (ex.: desemprego) ou oportunidades locais estáveis (GEM, 2015).	Orientada por oportunidades inovadoras, com ênfase em resolução de problemas globais via tecnologia (RIES, 2012).

Modelo de Negócio	Definido e estável, com planejamento de longo prazo e foco em eficiência operacional (DORNELAS, 2008).	Iterativo e escalável, baseado em validação contínua de hipóteses e pivôs rápidos (BLANK; DORF, 2014).
Crescimento	Linear e regional, priorizando estabilidade e expansão gradual (SILVEIRA et al., 2017).	Exponencial e global, alavancado por modelos digitais e redes de investimento (TORRES; SOUZA, 2016).
Risco	Controlado e minimizado por meio de análises detalhadas e garantias financeiras (DORNELAS, 2008).	Elevado e inerente, com aceitação de falhas como parte do aprendizado validado (RIES, 2012).
Inovação	Incremental ou ausente, focada em melhorias marginais em processos existentes (SCHUMPETER, 1952, adaptado).	Disruptiva e essencial, promovendo “destruição criativa” por meio de tecnologias emergentes (SCHUMPETER, 1952; BLANK; DORF, 2014).
Financiamento	Fontes tradicionais como bancos, empréstimos ou recursos próprios (SILVEIRA et al., 2017).	Investidores anjo, venture capital e aceleradoras, com rodadas de funding baseadas em potencial de escala (TORRES; SOUZA, 2016).
Planejamento	Plano de negócios formal e detalhado, com projeções fixas (DORNELAS, 2008).	Prototipagem via Minimum Viable Product (MVP) e ciclos de feedback contínuo (RIES, 2012).
Ecossistema	Suporte limitado, como SEBRAE ou associações locais, com pouca interconexão (GEM, 2015).	Integrado a hubs, universidades, investidores e políticas públicas, fomentando colaboração (TORRES; SOUZA, 2016).

Foco em Tecnologia	Baixo ou moderado, com adoção gradual de ferramentas existentes (SILVEIRA et al., 2017).	Alto, com base tecnológica como core do negócio, incluindo IA, blockchain e soluções digitais (BLANK; DORF, 2014).
Adaptação ao Mercado	Lenta e reativa, dependente de tendências estabelecidas (DORNELAS, 2008).	Ágil e proativa, com experimentação constante para lidar com incertezas (RIES, 2012).

Fonte: Elaboração própria com base em GEM (2015); RIES (2012); DORNELAS (2008); BLANK; DORF (2014); SILVEIRA et al. (2017); TORRES; SOUZA (2016); SCHUMPETER (1952).

Essa comparação evidencia que, enquanto o empreendedorismo tradicional enfatiza estabilidade e risco mínimo, as startups prosperam em ambientes voláteis, onde a inovação disruptiva é o motor principal. De acordo com Ries (2012), o método Lean Startup, adotado amplamente por essas organizações, permite uma validação rápida de ideias, reduzindo desperdícios e acelerando o go-to-market. No contexto brasileiro, essa diferença se acentua: dados do Sebrae (2024) indicam que muitas micro e pequenas empresas tradicionais surgem por necessidade, enquanto startups, especialmente em setores como fintech (38% dos investimentos em 2024), healthtech e agrotech, atraem funding por seu potencial escalável. Discutivelmente, isso sugere que a literatura clássica sobre empreendedorismo (ex.: Schumpeter, 1952) se aplica parcialmente às startups, mas precisa ser adaptada para incorporar elementos como agilidade digital e ecossistemas colaborativos. Por exemplo, a "destruição criativa" schumpeteriana ganha nova dimensão nas startups, onde inovações como apps de pagamento digital (ex.: Nubank) substituem modelos bancários tradicionais, gerando valor econômico mas também desigualdades regionais no acesso a tecnologia.

4.2. Evolução dos Ecossistemas de Startups

A evolução dos ecossistemas de startups reflete uma transição global de modelos isolados para redes interconectadas, impulsionada por globalização, digitalização e políticas de inovação. Globalmente, ecossistemas como o Vale do Silício (EUA), Tel Aviv (Israel), Bangalore (Índia) e Toronto (Canadá) servem como benchmarks, caracterizados por alta densidade de talento, capital de risco abundante e colaboração entre academia e indústria (Torres & Souza, 2016). Esses hubs demonstram crescimento exponencial: Por exemplo, o Vale do Silício destacou-se novamente como líder absoluto ao captar cerca de US\$ 90 bilhões em investimentos de venture capital em 2024, representando mais da metade de todo o capital de risco investido nos Estados Unidos e reforçando sua dominância no ecossistema global de startups (CRUNCHBASE, 2025).

No Brasil, o ecossistema evoluiu de forma expressiva nas últimas décadas. De 2015 a 2019, o número de startups triplicou de 4.151 para 12.727 (aumento de 207%), tendência que continuou com mais de 3 milhões de novas micro e pequenas empresas em 2024, muitas com viés tecnológico (Sebrae, 2024). Em 2024, foram registradas mais de 6.000 novas startups no Brasil, as quais captaram investimentos totais de R\$ 13,9 bilhões, representando um crescimento de 50% em relação ao ano anterior (LIGA VENTURES, 2025). Para 2025, o ecossistema brasileiro de startups registrou um crescimento de 21,7%, alcançando um valor de mercado estimado em US\$ 117 bilhões (FUSÕES & AQUISIÇÕES, 2025; STARTUPBLINK, 2025).

O número de startups ativas varia conforme a metodologia adotada: enquanto o StartupBlink mapeia cerca de 5.177 startups com foco em ecossistemas consolidados, outras fontes, como relatórios do Sebrae e mapeamentos mais amplos, indicam um universo superior a 20 mil empresas ativas, incluindo negócios emergentes de base tecnológica (SEBRAE, 2025; STARTUPBLINK, 2025).

Nesse contexto, o Brasil consolida-se como líder incontestado na América Latina, respondendo por quase metade dos investimentos de venture capital realizados na região. Polos de inovação se destacam na descentralização do ecossistema: São Paulo lidera com crescimento de 15,6% em 2025 (STARTUPBLINK, 2025), enquanto Recife e Florianópolis emergem como importantes hubs regionais, impulsionando a geração de emprego e inovação tecnológica fora do eixo tradicional Sudeste-Sul.

Programas governamentais como Startup Brasil e InovAtiva Brasil, aliados a hubs como Cubo (São Paulo) e Porto Digital (Recife), impulsionaram essa maturação (Torres & Souza, 2016). No entanto, a evolução não é uniforme: enquanto São Paulo concentra 13 unicórnios (startups de capital privado (sem capital aberto na bolsa) avaliadas em mais de US\$ 1 bilhão, sem terem passado por uma oferta pública inicial (IPO)), regiões como o Nordeste ganham tração por meio de iniciativas locais, refletindo uma descentralização gradual. Comparativamente à literatura, o modelo de ecossistemas descrito por Torres & Souza (2016) – com atores como universidades, investidores e aceleradoras – alinha-se à realidade brasileira, mas destaca a necessidade de maior integração para superar gaps globais.

4.3. Desafios e Oportunidades no Ecossistema Brasileiro

Apesar do crescimento expressivo registrado nos últimos anos, o ecossistema brasileiro de startups ainda enfrenta diversos desafios estruturais que limitam seu desenvolvimento sustentável. Entre os principais obstáculos destacam-se a excessiva burocracia, a elevada carga tributária, a complexidade regulatória e o acesso restrito a financiamento, especialmente em estágios avançados (TORRES; SOUZA, 2016; TMF GROUP, 2025).

Um dos desafios mais críticos é a elevada taxa de mortalidade das startups. Globalmente, estima-se que cerca de 90% das startups não sobrevivam a longo prazo (RIES, 2012; CB INSIGHTS, 2025). No Brasil, a situação não é diferente: segundo o Sebrae Startups Report (2025), aproximadamente 25% das startups encerram suas atividades com menos de um ano de existência, 50% não sobrevivem aos quatro anos e cerca de 75% deixam de operar em até

13 anos. Entre 2015 e 2024, foram registradas mais de 8.258 startups que encerraram operações, representando quase metade do total mapeado no período (LOUREIRO, 2024).

As principais causas dessa alta mortalidade incluem a falta de capital, ausência de *product-market fit* (Adequação entre o produto oferecido e as necessidades reais do mercado-alvo), deficiências na gestão e dificuldades de escalabilidade. Muitas startups esgotam seus recursos durante o chamado “vale da morte”, período entre o fim do capital inicial e a geração de receita recorrente. Essa realidade revela que o aumento do volume de investimentos ainda não se traduziu em maior taxa de sobrevivência, configurando um dos gargalos mais significativos do ecossistema nacional.

Outros desafios relevantes incluem a adaptação tecnológica contínua, a gestão de pessoas em um mercado de alta competitividade por talentos e o equilíbrio financeiro, agravados pela volatilidade econômica e altas taxas de juros observadas em 2025. Além disso, a concentração geográfica em grandes centros (São Paulo, Florianópolis e Recife) acentua as desigualdades regionais.

Por outro lado, oportunidades emergem em setores estratégicos como sustentabilidade, green tech, agritech e inteligência artificial. A resiliência demonstrada pelo ecossistema em 2025, mesmo diante de adversidades, indica potencial de crescimento futuro, especialmente se forem implementadas políticas mais eficazes de fomento, capacitação gerencial e redução da burocracia.

A superação desses desafios demanda uma atuação articulada entre poder público, universidades, investidores e empreendedores, visando não apenas aumentar o número de startups criadas, mas principalmente melhorar sua qualidade e probabilidade de sobrevivência.

4.4. Impactos Econômicos e Sociais

As startups representam importante vetor de desenvolvimento econômico e social no Brasil, gerando empregos qualificados, fomentando a inovação e contribuindo para a inclusão digital e financeira. Economicamente, o ecossistema brasileiro, avaliado em aproximadamente US\$ 117 bilhões em 2025, impulsiona o crescimento do PIB por meio da introdução de soluções disruptivas em setores estratégicos, como fintech, healthtech e agrotech (FUSÕES & AQUISIÇÕES, 2025; LIGA VENTURES, 2025).

Um exemplo emblemático ocorre em Recife, onde o polo de tecnologia — especialmente impulsionado pelo Porto Digital — conta com mais de 6.000 empresas de base tecnológica, gerando cerca de 38.400 empregos diretos e fortalecendo a economia regional fora do eixo Sudeste-Sul (SEBRAE, 2025). No âmbito nacional, o Sebrae Startups Report Brasil 2025 registra crescimento de 26,7% no número de startups mapeadas, com destaque para o modelo SaaS (39,1% das empresas) e para o perfil B2B (50,5%), o que demonstra a capacidade de escala e de geração de valor agregado (SEBRAE, 2025).

No campo social, as startups promovem inclusão ao democratizar o acesso a serviços financeiros e digitais. As fintechs, que concentraram cerca de 38% dos investimentos em 2024, têm ampliado significativamente a inclusão financeira, especialmente em regiões Norte e Nordeste, reduzindo desigualdades ao permitir que milhões de pessoas antes desbancarizadas realizem transações, poupem e acessem crédito por meio de soluções como o Pix e plataformas digitais (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2025; GIALUCCA, 2022; SILVESTRE, 2025). Além disso, muitas startups alinhadas ao empreendedorismo de impacto social buscam gerar “valor social” além do lucro, atuando em áreas como educação, saúde e sustentabilidade, conforme o conceito desenvolvido por Dornelas (2008).

Socialmente, o ecossistema também fomenta diversidade e empreendedorismo feminino e periférico, com iniciativas como fundos de investimento-anjo e programas do Sebrae que incentivam startups com propósito socioambiental. Em 2024, eventos apoiados pelo Sebrae

impactaram mais de 64 mil pessoas, ampliando capacitação e redes de colaboração (SEBRAE, 2025).

Contudo, os impactos não são exclusivamente positivos. Entre os aspectos negativos destacam-se a precarização do trabalho associada à *gig economy* (economia de plataformas), na qual modelos de startups de mobilidade e delivery (como Uber, iFood e Rappi) geram flexibilidade para alguns, mas resultam em insegurança laboral, ausência de direitos trabalhistas, jornadas extenuantes e remunerações instáveis para a maioria dos trabalhadores (CARNEIRO, 2023; LEITE et al., 2021). Ademais, observa-se forte concentração geográfica em centros urbanos como São Paulo, Florianópolis e Recife, o que pode agravar desigualdades regionais e limitar o desenvolvimento de áreas mais afastadas dos polos de inovação.

Diante desses desafios, torna-se essencial a implementação de políticas públicas inclusivas, como incentivos fiscais para startups de impacto social, regulação equilibrada da *gig economy* e programas de capacitação que ampliem o acesso ao ecossistema para empreendedores de diferentes regiões e perfis socioeconômicos. Apenas com abordagens sustentáveis será possível maximizar os benefícios econômicos e sociais do empreendedorismo inovador no Brasil a longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empreendedorismo na era das startups representa uma transformação significativa na maneira de pensar, estruturar e operar negócios. Diferente do empreendedorismo tradicional, as startups operam em contextos de extrema incerteza, priorizando a inovação, a escalabilidade e o aprendizado contínuo.

Apesar dos desafios — especialmente no cenário brasileiro —, o modelo startup tem se consolidado como motor de desenvolvimento econômico e tecnológico, sendo essencial

que políticas públicas, universidades e investidores estejam alinhados para fortalecer seus respectivos ecossistemas.

Os resultados desta pesquisa bibliográfica revelam que o ecossistema brasileiro de startups demonstrou notável resiliência e crescimento, ao captar R\$ 13,9 bilhões em investimentos em 2024 (aumento de 50% em relação a 2023) e alcançar um valor de mercado estimado em US\$ 117 bilhões em 2025. Tal evolução, marcada pela descentralização para polos como Recife e Florianópolis, reforça o potencial das startups como vetores de inovação, inclusão financeira e geração de empregos qualificados, conforme observado no caso do Porto Digital.

No plano teórico, o estudo permitiu articular a visão clássica de Schumpeter (1952) sobre a destruição criativa com as contribuições contemporâneas de Louis Jacques Filion (1999), que enfatiza a importância da visão empreendedora, e de Fernando Dolabela (2003), que destaca o papel transformador dos sonhos como força motriz do empreendedor. Essas perspectivas enriquecem a compreensão de que as startups não se limitam a modelos de negócio, mas representam uma nova lógica empreendedora ancorada em visão, inovação ágil e validação contínua de hipóteses pelo método Lean Startup (RIES, 2012; BLANK; DORF, 2014).

Entretanto, os achados também evidenciam desafios persistentes, tais como burocracia, elevada carga tributária, dificuldade de captação de recursos e precarização do trabalho na gig economy, os quais limitam o potencial inclusivo e sustentável do ecossistema.

Este trabalho contribui para o entendimento dessa nova lógica empreendedora e abre caminho para pesquisas futuras, especialmente na análise de startups em mercados emergentes, no estudo empírico da taxa de sobrevivência dessas empresas e na avaliação do impacto de tecnologias emergentes, como a Inteligência Artificial, no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

ABSTARTUPS – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE STARTUPS. **Mapeamento do Ecossistema Brasileiro de Startups 2024**. São Paulo: Abstartups, 2025. Disponível em: <https://abstartups.com.br/wp-content/uploads/2025/06/Mapeamento-do-Ecossistema-Brasileiro-de-Startups-2024.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2026.

ANPROTEC – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ENTIDADES PROMOTORAS DE EMPREENDIMENTOS INOVADORES. **Mapeamento dos mecanismos de geração de empreendimentos inovadores no Brasil**, 2019.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de inclusão financeira 2025**. Brasília: BCB, 2025.

BLANK, S.; DORF, B. **Startup: manual do empreendedor**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2014.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.

CARNEIRO, L. L. et al. Reflexões sobre o cenário do trabalho mediado por plataformas digitais. **Revista de Administração de Empresas**, 2023.

CAVALCANTE, L. T. C. et al. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 25, 2020.

CRUNCHBASE. **Global venture funding data: year-end 2024 analysis**. San Francisco: Crunchbase, 2025. Disponível em: <https://news.crunchbase.com/venture/global-funding-data-analysis-ai-eoy-2024/>. Acesso em: 26 mar. 2026.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Research design**: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. 5. ed. Thousand Oaks: Sage, 2018.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FUSÕES & AQUISIÇÕES. **7 startups mais valiosas do Brasil em 2025**. 2025. Disponível em:

<https://fusoesaquisicoes.com/acontece-no-setor/7-startups-mais-valiosas-do-brasil-em-2025/>.

Acesso em: 26 mar. 2026.

GALVÃO, M. C. B.; SAWADA, N. O.; TREVISAN, M. A. **Revisão sistemática da literatura: uma ferramenta para a prática baseada em evidências**. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 25, n. 3, 2004.

GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **GEM 2024/2025 Global Report**: Entrepreneurship Reality Check. London: Global Entrepreneurship Research Association, 2025.

GIALUCCA, [sobrenome completo]. **Fintechs e inclusão financeira no Brasil**. [Local]: [Editora ou periódico], 2022. (Completar com dados completos caso tenha a referência exata).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HISRICH, R. D. **Empreendedorismo**. [edição consultada]. Porto Alegre: Bookman, 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEITE, [sobrenome] et al. **Trabalho em plataformas digitais no Brasil**. [Periódico], 2021. (Completar com dados completos caso tenha a referência exata).

LIGA VENTURES. **Startup Landscape: Ecosistema 2024**. São Paulo: Liga Ventures, 2025. Disponível em: <https://liga.ventures/insights/relatorios/startup-landscape-ecossistema-2024/>. Acesso em: 25 mar. 2026.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

NASCIMENTO, F. P. do. **Classificação da pesquisa: natureza, método ou abordagem, objetivos e procedimentos técnicos**, 2010.

PORTO DIGITAL. **Relatório de resultados 2025**. Recife: Porto Digital, 2025.

RIES, E. **A startup enxuta: como os empreendedores atuais utilizam a inovação contínua para criar empresas extremamente bem-sucedidas**. São Paulo: Lua de Papel, 2012.

RODRIGUES, M. L. **Abordagem qualitativa na pesquisa em educação**, 2016.

ROTHER, E. T. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. [edição consultada]. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1952.

DOLABELA, F. **Pedagogia empreendedora: a metodologia de ensino que ajuda a transformar sonhos em realidade**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

DOLABELA, F. **O segredo de Luiza: uma lição de vida sobre empreendedorismo**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999. (ou edição mais recente)

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 5-28, abr./jun. 1999.

FILION, L. J. **O processo empreendedor**: elementos centrais da Teoria Visionária. In: [obra coletiva], 2000.

SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Sebrae Startups Report Brasil 2025**. Brasília: Sebrae, 2025.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, T. S.; PASSOS, D. F. O.; MARTINS, I. **Empreendedorismo x Startup: um comparativo bibliométrico de 1990 a 2016**. REMIPE, v. 3, n. 2, p. 304–323, 2017.

SEBRAE. Sebrae Startups Report Brasil 2025. Brasília: Sebrae, 2025.

LOUREIRO, [Sobrenome]. [Título do artigo sobre encerramento de startups]. InfoMoney, 2024.

RIES, E. **A startup enxuta**. São Paulo: Lua de Papel, 2012.

CB INSIGHTS. The Top 20 Reasons Startups Fail. 2025.

TMF GROUP. **Global Business Complexity Index 2025**. London: TMF Group, 2025.

Disponível em:
<https://www.tmf-group.com/globalassets/pdfs/publications/gbci/2025-english.pdf>. Acesso em:
26 mar. 2026.

TORRES, N. N. J.; SOUZA, C. R. B. **Uma revisão da literatura sobre ecossistemas de startups de tecnologia**. In: XII BRAZILIAN SYMPOSIUM ON INFORMATION SYSTEMS, Florianópolis, 2016.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS

Campus Ribeirão das Neves

Diretoria de Ensino

Docência Campus Ribeirão das Neves

R. Vera Lúcia de Oliveira Andrade, 800 - Bairro Vila Esplanada - CEP 33805488 - Ribeirão das Neves - MG
31362723003 - www.ifmg.edu.br

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 29 dias do mês de maio do ano de 2026, às 14:00 horas por videoconferência do Google Meets, reuniu-se a banca examinadora presidida por mim, Pedro Marinho Sizenando e demais membros, Carlos Henrique dos Santos Nunes e Paulo Aparecido Tomaz. Nesta ocasião o discente Ismael Robert dos Santos do curso de Bacharelado em Administração, com registro acadêmico de número 0063962 do IFMG - *Campus Ribeirão das Neves*, defendeu seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **"EMPREENDEDORISMO NA ERA DAS START-UPS"** e foi APROVADO, com 85,0 (oitenta e cinco) pontos.

Este resultado reflete o cumprimento parcial dos critérios de avaliação estabelecidos pelo curso e reconhece os esforços e a dedicação do discente e seu orientador no desenvolvimento do seu TCC. O lançamento da nota e o consequente encerramento do respectivo processo está condicionado ao cumprimento dos procedimentos pós-defesa conforme previstos nos regulamentos vigentes.

A sessão foi encerrada às 15:00 horas. Para constar, eu, Pedro Marinho Sizenando Silva, redigi a presente ata, assinada pelos membros da banca examinadora.

Prof. Dr. Pedro Marinho Sizenando Silva (orientador)

Prof. Me. Carlos Henrique dos Santos Nunes - IFMG

Prof. Dr. Paulo Aparecido Tomaz - IFMG

Ribeirão das Neves, 29 de maio de 2026.



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Marinho Sizenando Silva, Professor**, em 29/05/2026, às 19:28, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Nunes, Professor**, em 30/05/2026, às 11:43, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Aparecido Tomaz, Professor**, em 01/06/2026, às 17:33, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs> informando o código verificador **2752444** e o código CRC **A7DB3786**.

23713.000678/2026-07	2752444v1
----------------------	-----------